

## I. EDITORIAL

No presente número, temos a felicidade de dar continuidade à publicação do muito bem-sucedido dossiê intitulado *Religião, Religiosidade e Cultura Material no Mundo Antigo*. De fato, o dossiê estava programado primeiramente para ser publicado inteiro no Volume 11, Número 2 de 2020. No entanto, uma vez que a revista recebeu contribuições de qualidade em volume muito maior do que o esperado, o corpo editorial, após deliberação, decidiu pela publicação dividida em dois números. Estamos certos de que essa resposta tão positiva indica que a revista segue no caminho correto ao dar abertura para contribuições de pesquisadores que se encontram nas mais diversas fases da carreira acadêmica, desde a iniciação científica até o pós-doutorado e a pesquisa docente. A consequência de tal orientação editorial da revista apresenta-se no fato de ela ser uma das mais acessadas e baixadas publicações do campo da Antiguidade no Brasil, justamente, cremos, por se apresentar como um veículo democrático de debate acadêmico de qualidade.

O Volume 12, Número 1, de 2021, conta com sete artigos em sua seção “Dossiê”, dois artigos livres, uma tradução de artigo científico na seção “Ensaio” e, por fim, duas contribuições na sessão “Resenhas”. Uma apresentação mais pormenorizada do tema do presente dossiê pode ser encontrada no editorial do volume acima referido, de fácil acesso no site da revista. No entanto, convém retomarmos alguns pontos centrais que norteiam todas as contribuições de ambos os volumes. O principal objetivo do dossiê é levar ao debate acadêmico nacional o questionamento do posicionamento da religião enquanto fenômeno social circunscrito ao plano das ideias e das doutrinas, contando com um suporte material que serviria de acessório para que as mesmas fossem melhor apreendidas pelo povo. Ao invés, apresentamos ao cenário acadêmico brasileiro a possibilidade de pensar a religião e a religiosidade como fenômenos materiais em si mesmos, ou seja, considerar a existência de uma relação intrínseca entre expressão religiosa e cultura material. Tanto a religião quanto a religiosidade, desse modo, só poderiam ser propriamente analisadas levando em conta a sua materialidade.

Essa tensão entre interpretação teórica moderna da religião e a informação presente nos dados da cultura material já é abordada logo no primeiro artigo, aquele que abre a segunda parte do dossiê, intitulado *Pequeno Histórico do “Matriarcado” como Hipótese para a Interpretação da Pré-história*, de autoria da Profa. Dra. Lolita Guimarães

Guerra. Em sua contribuição, a autora busca discutir criticamente as interpretações históricas que concebem a existência de um matriarcado em algum momento anterior à fundação das primeiras aglomerações humanas sedentárias, partindo de análises de estatuetas pré-históricas (as chamadas “Vênus”) representando mulheres nuas. Questionando as diversas leituras que encaram tais estatuetas como simbólicas da superioridade conferida às mulheres nessas antigas sociedades, fundamentadas no signo da fertilidade, Guerra traz tanto considerações retiradas da arqueologia para pôr em debate a própria probabilidade de uma sociedade pré-histórica matriarcal quanto observações críticas a respeito das consequências do *matriarcalismo* para o feminismo contemporâneo. A conclusão da autora é que semelhante matriarcalismo pode ser desvirtuado para o reacionarismo político de uma forma que defensoras dessa tese não esperam.

Em seguida, abre-se a seção do dossiê com três contribuições valiosas para os estudos de Egito Antigo do ponto de vista da religião e da religiosidade materiais. O primeiro artigo intitula-se *O Uso de Amuletos como Prática de Religiosidade no Egito do Reino Novo (1550 - 1070 a.C.)*, e tem por autora Victoria Arroyo. Analisando uma série de amuletos encontrados no sítio de Gurob, na região do Fayum, Arroyo procura explorar o papel de uma manifestação tão material de religiosidade e de vínculo com o universo do sagrado em momentos especialmente sensíveis da vida de um(a) habitante do Egito da segunda metade do segundo milênio antes de Cristo. É o caso, por exemplo, dos amuletos visando proteger a mulher parturiente e seu filho no momento do parto, em uma sociedade especialmente marcada pela mortalidade infantil. Esse seria mais um caso, portanto, em que a divisão da experiência religiosa entre doutrinas acerca do sobrenatural e manifestações de caráter material faria pouco sentido.

O segundo estudo do dossiê a analisar o vínculo íntimo entre religiosidade e materialidade no antigo Egito é *Materialidade e Identidade: os Shabtis das Esposas Divinas de Amon*, escrito por André Shinity Kawaminami. Analisando os *shabtis* (estatuetas egípcias que substituíam pessoas específicas no trabalho agrícola do pós-morte) de quatro sacerdotisas reconhecidas como esposas divinas do deus Amon, Kawaminami demonstra como no estudo de caso ao qual se dedica a materialidade não pode ser encarada como mero discurso legitimador de posição social. Ao invés, as estatuetas são, elas mesmas, elementos constituintes da própria identidade social e religiosa das esposas divinas, uma parte essencial na própria disposição de uma fração da religião egípcia.

O estudo que encerra a fração de artigos sobre o antigo Egito tem por autor Danillo Melo da Fonseca e por título *Religião Popular no Egito Greco-romano: o Culto de Serápis*. Nele, Fonseca explora as manifestações do culto a Serápis em Alexandria e em outras regiões do Egito nos períodos de domínio dos descendentes de Ptolomeu I Soter e de Roma. Analisando o desenvolvimento da figura divina de Serápis (um deus cujo culto havia sido fundado pelo primeiro rei do período helenístico), o autor adota o ponto de vista teórico do emaranhamento cultural proposto inicialmente por Philipp Stockhammer, não porém em uma ótica doutrinal, e sim partindo das manifestações materiais de seu culto. De modo mais específico, Fonseca faz um levantamento e a análise de estatuetas em terracota (um material social e economicamente acessível) do deus, procurando destacar as características simbólicas presentes nas mesmas que possuem conexão com repertórios sígnicos advindos tanto de cultos gregos quanto egípcios.

Os últimos três artigos que compõem o segundo volume do dossiê *Religião, Religiosidade e Cultura Material no Mundo Antigo* versam sobre a religião material e suas manifestações em outras regiões do Mediterrâneo sob domínio romano. Essa segunda parte tem por primeiro estudo aquele de autoria de Felipe Perissato, intitulado *Arqueologia de uma Procissão Antiga: a Prática da πομπή entre Atenas e Elêusis no Período Romano (II - III d.C.)*. A partir dos resquícios da cultura material (mas sem deixar de lançar mão também de fontes textuais e epigráficas), Perissato se propõe a identificar especificidades do culto eleusino nesse período, não tanto a partir de descrições de possíveis aspectos textuais e doutrinários, mas considerando-o sobretudo nas manifestações características do que se tem pensado quanto a religião material: procissões e intervenções espaciais, como a construção de santuários e de uma via sacra destinada ao culto.

O artigo seguinte a integrar o dossiê vem da pena de Ismael Wolf e tem por título *Brigantia de Birrens: Interações Culturais em Zona de Fronteira na Britânia Romana*. Nele, Wolf se debruça sobre uma divindade muito cultuada na região da muralha de Adriano, a deusa Brigantia. Mais especificamente, o autor se dedica a analisar uma estela dedicada a essa deusa, encontrada no sítio arqueológico de Birrens, um forte romano junto à referida muralha. A partir dessa estela, Wolf não apenas destaca as influências simbólicas romanas na representação da deusa (em geral vinculadas à deusa Minerva) mas também investiga as próprias circunstâncias da elevação da estela, destacando a partir dela as interações culturais em uma zona fronteira tendo a religião material como caso de estudo.

O dossiê é fechado com uma contribuição valiosa do Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos, a qual leva o título *Sinais Divinos e Prodígios na Construção da Imagem de Augusto: um Estudo a partir de Suetônio*. Em seu estudo, Campos explora os fundamentos religiosos da Roma republicana, tendo por base fontes textuais como Suetônio e Cícero. Esses fundamentos, contudo, são explorados sobretudo em sua materialidade, a qual é destacada pela importância dos ritos sagrados não apenas para a legitimação da posição de magistrados e senadores, mas para a própria manutenção da ordem social da *res publica*. Sendo a ordem social e política inseparável da manutenção da paz com os deuses da *urbs*, Campos explora, sobretudo a partir de Suetônio, como o próprio Augusto procura centralizar em si a relação entre a *res publica* e a divindade ao assumir para si uma série de prerrogativas nos rituais públicos.

Encerrado o dossiê, o presente número conta com dois artigos de temática livre que, embora não constituam análises de cultura material, constituem grandes contribuições para os estudos de religião e religiosidade antigas no Brasil. O primeiro, tendo por título *Non Duco, Ducor: a Condição da Alma no Corpus hermético*, traz Pedro Barbieri executando um estudo denso e de grande erudição acerca de um conjunto de tratados esotéricos oriundo do Egito romano, datado entre os séculos I e III d.C. Explorando o conteúdo cosmológico e soteriológico desses tratados, Barbieri traça os modos como eles apresentam o ser humano constituído de corpo, alma e intelecto e como, em sua senda pela própria salvação de sua presente condição precária, ele deveria se deixar conduzir pelo conhecimento que o conectaria com a divindade presente em si mesmo. Desse modo, o autor contribui muito para os estudos em torno das religiões de mistério e iniciação do período romano, que ainda constituem um campo de vastas oportunidades de pesquisa.

Nesse ponto, Barbieri é acompanhado neste número pelo estudo *Cultos de Mistérios no Protréptico de Clemente de Alexandria*, de autoria de Sami de Figueiredo Maciel. Em seu artigo, Maciel procura colher informações acerca dos cultos de mistérios no Mediterrâneo romano de fala grega a partir de uma leitura crítica de um de seus detratores: o autor cristão Clemente, nascido em Atenas, porém residente na maior parte de sua vida em Alexandria. A partir dessa leitura, Maciel não se restringe a apresentar as informações cedidas pela fonte, mas também procura destacar como ele conscientemente se utiliza de características desses cultos de mistérios para representar o próprio cristianismo como o portador da iniciação soteriológica superior a todas as outras e dos verdadeiros mistérios divinos.

Em seguida a esses dois estudos, retomamos a seção “Ensaaios” com a preciosa tradução portuguesa, levada a cabo pela doutora por Oxford Thais Rocha da Silva, de um ensaio de autoria do professor Christian Langer (Freie Universität Berlin) o qual leva o título *The Informal Colonialism of Egyptology: From the French Expedition to the Security State*. O estudo do professor Langer constitui uma valiosa apresentação do caráter profundamente colonialista dos estudos em egiptologia no hemisfério ocidental, servindo de sustentáculo para uma ordem sociopolítica egípcia que mantém a supremacia de uma elite rica sobre a agenda do país. Em contrapartida, o autor coloca em pauta a necessidade eminentemente política (e, por isso mesmo, legítima) tanto de uma autocrítica quanto da descolonização da egiptologia como campo de estudo. Em outras palavras, Langer convoca todos os egiptólogos (os ocidentais e os próprios egípcios) para as responsabilidades envolvendo seus objetos de pesquisa: estudar o Egito Antigo precisa ser uma atividade continuamente reflexiva acerca das consequências do que se está fazendo; do contrário, é provável que o egiptólogo acabe, ainda que involuntariamente, trabalhando para manter uma ordem social profundamente desigual.

Por fim, encerramos o presente número, como de costume, com a seção “Resenhas”, a qual apresenta duas contribuições. A primeira traz o título *O Feminino na Literatura Grega: da Poesia Épica à Tragédia*, carregando a autoria de Laysse Leda Dantas Cavalcanti. A autora resenha a coletânea de estudos intitulada *Literatura e Sociedade na Grécia Antiga*, organizada por Gabriela Fasano e Fábio Lessa, publicada em 2018. A segunda, tendo por autor Helton Lourenço Carvalho, é intitulada *Para Além de Atenas: Outras “Sociedades Escravistas” no Mediterrâneo Oriental* e apresenta ao leitor a obra *Greek Slave Systems in Their Eastern Mediterranean Context, c. 800-146 BC*, escrita por David M. Lewis e publicada também em 2018.

Apresentamos os nossos votos de que todas, todos e todes tenham uma boa e agradável leitura, e que, se for esse o caso, continuem acompanhando os trabalhos da revista e os eventos vinculados a ela e ao Laboratório de Estudos do Império Romano e do Mediterrâneo Antigo da USP (LEIR-MA/USP), sempre divulgados em nossas redes sociais e sites.

Os editores,  
Ana Paula Scarpa Pinto de Carvalho  
Pedro Luís de Toledo Piza